

A aquisição de classificadores na Língua Brasileira de Sinais (Libras)

Elidéa Lúcia Almeida Bernardino

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

Este estudo explora a relação entre o modelo de linguagem a que as crianças estão expostas e a sua resultante aquisição da linguagem. Bickerton (1981) e outros afirmam que as crianças podem tornar-se proficientes numa língua, mesmo quando expostos apenas a falantes não proficientes. Ainda não é evidente o limiar necessário de proficiência de input para uma aquisição completa na criança. A aquisição da Língua Brasileira de Sinais (LSB / Libras) é o contexto ideal para avaliar os limites dos pressupostos de Bickerton. No Brasil, a maioria das crianças surdas são filhas de pais ouvintes e aprendem LSB nas escolas por professores que não são gestuantes proficientes. Este trabalho explora o efeito da variação de proficiência do input em LSB na aquisição de classificadores, em 61 crianças com idades entre os 4;06 e os 11;10. Duas outras variáveis são analisadas como controles: tempo de exposição à LSB e idade cronológica.

Nas línguas gestuais, os classificadores são usados com verbos para indicar propriedades do tema, incluindo características visuo-geométricas, categoria semântica abstrata e função instrumental. Este estudo avalia o efeito de três variáveis na idade de início da produção de configurações de carácter classificador, a dificuldade relativa de produção de diferentes configurações, e os erros produzidos indicando a sequência de aquisição do classificador. As crianças desempenharam uma tarefa destinada a recolher conhecimento de classificadores, denominada Tarefa de Objeto Real, uma subtarefa do Instrumento de Avaliação ASL (ASLAI)¹, com instruções adaptadas para a LSB.

Os resultados mostram que mesmo as crianças com um input muito empobrecido conseguem atingir algum nível de proficiência,

forneendo evidências parciais para a hipótese de Bickerton. As crianças selecionaram configurações semelhantes para representar objetos, independentemente da abundância de opções baseadas na forma de objeto e independentemente do grau de fluência do input. As crianças surdas também categorizaram consistentemente os objetos de forma diferente, utilizando a configuração, enquanto que as crianças ouvintes organizaram os mesmos objetos com outras propriedades.

A qualidade do *input* também gera diferenças, por exemplo, as crianças expostas a um *input* mais proficiente apresentaram mais consistência na orientação da configuração no espaço.

Embora a exposição a falantes não fluentes não seja uma condição suficiente para incluir os parâmetros da linguagem com resultado na fluência, e o aumento de exposição a modelos de linguagem qualificados *ajude* a melhorar as competências linguísticas, as crianças com um *input* empobrecido apresentam padrões consistentes na sua aquisição, fornecendo evidências para o processamento cognitivo inato subjacente à aprendizagem de línguas.

Referências

1. Bickerton, Derek. 1981. *Roots of Language*. Ann Arbor: Karoma Publishers, Inc.
2. Hoffmeister, R., Greenwald, J., Bahan, B. & Cole, J. 1990. *American Sign Language Assessment Instrument: ASLAI*. Unpublished ms. Center for the Study of Communication and the Deaf, Boston University, Boston, MA.

1 Ver Hoffmeister *et al.* (1990).

* elideabernardino@gmail.com